

duais

ARTEFATOS MÁGICOS

morteiros em ardósia

ar que penetra o ar

morteiros que são

gozos

artesanias de voar

morteiros de quem quer se livrar

artelhos que dão

no ar

explosões estelares

gozos

arte de voar

gozo

ou roçar

o ar a gostos

o trabalho
deve
ao respirar
breve ar
que se respira
ar de dentro
ar que se despia
asfixiada
asfixia
ia
asseia
assepsia

fixa
fica
fita
para trás
abriga
sem ar e entrega
sem entrega
o disfarce
conciso
afoito
com gosto da vida

lasca de pedra
lançamento no
ar que lança
a pedra

a perda

música que doce
desce ao íntimo
me intima
a ser doce e ausente
sem mentir ao menos aparente

doce o de longe
de mares translúcidos
áureos lumes
lúcidos
e informes sítios
feito náufragos de palavras
em seus suicídios

e informe atos
boiando nos sargaços
estes sons
contidos
tão diferentes estas quedas das águas
dos fogos de artifício

formação binária
e sem a forma escrava
de névoa
de neblina
de fome
de sorte
límpida

hora de música
: atabaques e pandeiros

feitos

como um toque

supura o corte

dita-me

ó trabalho

restolho do homem quis falho

estoutro outro fabril fabro do rio

este outrodesconhecer asfalto

um rio

no anuário

infinito

homem
levante-se
lentamente a lente se levante
levante abra a questão de olhar
ou obra de se sentar

levantem-se
gentes
levante embrutecido
e pífio elefante

homem
ausente
levante

homem que alma
que ama
que falha

de ser ponte
de ser perto
de ser sempre

levante-se desde o pó
ao sol poente

levante-se

guardo o nó
da folha só
a mó a ser só
só

ílio
filho
filho
único herói
sem guerra
haroldino
ou exílio
ser transparente
em tebas ou

filho do filho
com brilho
no trilho
sonoro aéreo

tom fugidio
esta trilha
de ser homem
e espera

breve:

estilhaç

o

ulisses

menino:

rei

das estantes

solda seca
barulho monótono
som de seca
sons
: de granizo
de enxaqueca
do óxido
de puro estanco
de ouro
de espanar o pano
sons
: de feira
de pernas
de freiras
de sujeitos
de aço
de cansaços
sons
: com a barriga num espaço
de madressilvas
de corjas de cajados
de dragões
em seu fogo
de anéis no espaço

do bruto
do real
do aparente
sons
: de um silêncio
diferente
disfarce
na cova
de um hospício

ULYSSES

:tente
 alertar
 os contentes
 em se tornarem
lemes aparentes
 de se escapar
 dos inimigos
 da vida
ou de outros mares

sob ninguém
 transparente

depois de tanto lutar depois sempre contra
contra os monstros com nomes e sobrenomes
parto ao longe para buscar a vida
na minha última via - láctea perdida

abstratas estrelas dos mares recitam
: *after moons*
and survivors
in the space,
in the green trees
we are the secret songs

nisto habita nos filmes
que eu nunca vi

ou sítios
ou estados
em seus crimes exatos

amparos nos anjos imundos
hollywood
e os comparsas
de meias
verdades
nos salmos antes dos crimes

eu nunca os vi

latejam assim o sangue réptil
réptil o
cuidado
numa caverna hostil
porém de forma aparadas
em contornos direitos

a repetir
âsanas e
mitos
a digerir com seus dentes molhados
a terra

e eu nunca vi

vem até mim mania
até a vida ser uma cruz
até o homem ser todo azul
até a fome ser pura luz

aurora

aurora

lume de visão
cadeiras de mãos
em telhas

caco fabril da arma
(já dito cito-me
jó)

aurora de aroeira
de roseira ou
rosa mártir
em tempo que serpenteia
o tempo que se incendeia
depois arde
do último círculo
do inferno de dante

desusado uso
da arma jogada

arma *arquilhada*
arma roubada

para matar a morte
a sua arma infantil
feto feminino da sorte

e ao sinai
é um sinal

gota de orvalho se abrem em leque

ou quase se abrirão com olhos de águia

em escorpião

e no livro mosaico

:10 leis

para esquecer

I.

sons s - o - s sons

urna de ossos

bois

meus ouvidos dedilham exequias...

som ouvido

dançam multidões

no ar

antigo

das estações

s

o

s

um

não

dois

são

II.

perfume caro tão escuro
ilha casta vota cênica
no meu espaço há poema
ou outro *de lunas jenas*

III.

morri para me fazer arte
tanto que morri tarde

IV.

sensuais orvalhos
cabelos lisos
de formas tais e com
tais brilhos
que são santas as penas trilhadas

trilhas de ir embora
trilhas de hora em hora

na hora
que se transforma
em mulher - forma

pioneira

V.

tons de ouvir a ária
em saturno ou urano
ou em marte
-plutões

guitarras gritam no escuro

para quê se gritar é tudo?

e ver é o detalhe
nos escorpiões
da arte?

VI.

(meu pé enfaixado tachado
e do lado bom das coisas
até que se levante o brado
de se caminhar contra
contra a contas tamanhas
coisas entre coxas e o púbis
contra as outras coisas
no resto dos outros corpos
poros são corpos de odores
ventilados eros a dores no país)

VII.

os batráquios de circunstâncias
ou cavalos de máquinas em tons
árabes de culturas circulares
evocam em seus voos cancelados

são ovários nascendo dromedários
parindo ovas de trutas duras
são pássaros de pífaros robustos
obras de poetas em suas securas

são claves de sol de músicas
que se atrofiaram nas batalhas
que se atreveram a ficar sem pais
são os sóis que os cabelos encontram

o penar das leis encobertas
o nó da garganta nos fios das folhas
e as cigarras em silêncio na terra
que os mortos vestidos acompanham

VIII.

há a branca auréola
verde de verdade
muito por ser tarde
e as paredes por só
serem as paredes
entre videntes
verdades
evidentes

IX.

nauseante beijo do descaminho
: um beijo que beijou o vinho
um lugarejo tão belo como frio
un lugar tan lejos como fuera
como fue afuera todo el brillo

X.

azorrague
nas costas
urge ungi-las
país sem paz
ou sem pão ou
mãe matéria
da noite
naturalmente

país sem paz
ou qualquer
instante
: é navegar

é navegar
constante
fora o
conhecimento
do cimo vento

ou que se
abateu

ao se lembrar
destas cinco
dores sem
sabor

e mais algumas
que esqueceu
o cristo
na pena de
algum talião

QUADROS

de uma
deposi
ção

Quadro 1

o rio cinzento

o começo do começo

o rio é meu

é a minha cegueira de ser a treva

termo

: meu rio é eterno

sincero e triste

meu rio cinzento é este aceno

o que se foi

e que se despe sem dor

nem começos

Quadro 2

olhos

és assim

asfalto tua cor

olhar de brisa

nascendo

furacão

(no centro do umbigo um cão)

de faisão prestes

a ser prato

olho que trato do princípio

igual ao trato de seu dono

e assim tratado

como a menina

dos olhos

vermelhos azuis amarelos

verdes por assim dizer

tristes por te saber

Quadro 3

o branco se escondeu
debaixo
da alquimia verde

não mente
sempre e tanto
arde

e quase sempre hora
à
obra
deve
à
arte

Quadro 4

há um minuto da tarde
recuperada no céu lindo

há um frio de desordem
dentro do friso da porta

há um rito na tarde
posto o pão em sua mesa

há um rio que roda
no riso dentro da boca

há um minuto que arde
na geladeira acesa

e que explode
na figura obesa

Quadro 5

...todos teremos filhos
e a terra se povoará
com os anjos esguios
sem céu nem lugar...

Quadro 6

do outro lado da rua
passagens
que planam cegas de amargura

do outro lado
ramagens
investigando uma ditadura

do outro lado
um perverso
perseguindo uma altura

outro
além
ser diverso
que
compactua

UM PASSE

um minuto
para contar o segundo
o terceiro o quarto sem janelas ou aflora
sem vasos quadrados

um minuto sem pasto
ou
vacas em carcaças sem alças

um minuto a ver cores mudas
sem flores ou surdas

um minuto desponta absurdo no caos da planta
da casa do leve tocar
do ombro

um minuto sem muros ou fronteiras ou mundos

um minuto para palpitar um segundo
ou terceiro ou quarto sem tudo

a vida se foi aplaudida
no último espetáculo
do último sopro
do último som
do último afã
do último
último
povo

sobrou pouco
mais ou
menos
pouco

aos últimos

outro é que levou
o couro

I

a tarde se foi
cumprida em torno dos sóis

em sonhos velozes
à beira da estrada
ou à entrada da
beira
dos lençóis?

II

depois das seis
seis e meia para ser correto
as aves voam para ficar calmas
em suas câmaras de plumas sem faltas
assombram todas as esferas- normas - atletas

III

a lua se torna algo desumano
quando o portal entorna
e se desdobra nas pálpebras
em seu fulgor urano

IV

a porta se fecha
se abre quebrará
a visão das coisas inúteis como
amanhã
será sutil

as 3
idades

AS 3 IDADES

1.

3 PARA 3 DA TARDE
NA MANHÃ PASSADA A LIMPO
3 PARA 3 DISTANTES
NO SUAVE E SECO BRILHO
3 IDADES SOBREPOSTAS
DE UMA A OUTRA MARGEM DO RIO
3 PARA AS 3 DO VINHO
UVAS QUE DE DOCE ME ARREPIAM
3 PARA 3 DA MOÇA
QUE SE DESFAZ NUM RODOPIO
3 IDADES MULHERES ARRULHAM
POMBAS DE OUTRAS MARGENS

CORTANTES: OLHA
A VELHA DESNUDA O TEMPO
COMO CEBOLA EM SUA FACE

A JOVEM DESTOA O INTEMPERO

TEMPLÁRIO DE SUAS IMAGENS

A CRIANÇA QUE DESLOCA A VIDA
DA CERTEZA ENTRE SUAS CORREDEIRAS

3 PARA 3 DO DIA
ESBARRANDO EM SEREIAS- PRIMAS
NA MORTE QUE CONVIVE
EM SE DIZENDO CALADA
3 PARA 3 DA TARDE
QUEM ACORDOU TARDE
ESTE QUE TE DESAFIA?

2.

MULHER, QUE ME OLHAS?

AÍ ESTÁ O TEU FILHO

FILHO, POR QUE ME FITAS?

AÍ ESTÁ TUA MÃE

E AMBOS CANSADOS

PLENAMENTE DO DIA ENSOLARADO

PROCURARAM CADA UM

CADA QUAL

SONHAR AO SEU MODO O SEU SENHOR

3.

CRIANÇA BELA
MOÇA JOVEM DE ESPERAS
POR QUE CRIASTE A BELEZA
SEM QUERER E COM TAL PRESTEZA?
SEM SABER QUE RUMO
OU VOAR SEM PRUMO?
RUMAR O MAR ALÉM DO MAR
ALÉM DA LUA E DO LUGAR
ALÉM DO ALÉM ONDE AS ALMAS
DESCANSAM CONTIDAS
A HORA DE VOCÊ CHEGAR
NA MINHA HORA DE PARTIR

4.

PÉS

QUE LEVAM A DOR

PÉS QUE PISAM A CABEÇA

A FLOR E A SEMENTEIRA

PÉS PEZINHOS EM SANDÁLIAS

DE PRATA E DE OURO

EM QUE CORRENTES DE PRATA

NÃO SE VERGAM COM

NOTÍCIAS RUINS

PÉS MÓVEIS DEVAGAR

AS CERTEZAS AS CONVENIÊNCIAS

DO LUGAR

PÉS QUE NOTICIAM AO SE ACHEGAREM:

-LANÇAM UM SINO A BADALAR AO HOMEM

À MULHER QUE SE ACHEGOU AO FILHO

5.

QUEREIS ENTRAR NA NAVE
RECÉM-COMPOSTA CONSTRUÍDA
NAVE DE CORPO FEMINIL
DE PRAZERES FEBRIS?

QUEREIS ENTRAR NA NAVE
FAZENDO HORAS E DIAS
ORANDO E SATISFAZENDO AS ALEGRIAS
NO ÊXTASE INTROVERTIDO DENTRO?

PERMANECEIS ASSIM CALADOS
CANTANDO COM MEUS AGRADOS
CORTANDO COM OS FADOS
CONSTANTES BEIJOS FENECEM

POR ISSO PERMANECEIS TRISTES
PARA QUEM SABE ENRIQUECER AS ALEGRIAS
QUE NUNCA TIVESTES
MAIS DO QUE AS TRISTES?

GOSMA EM FILME TRASH

TUBULAR

o aspecto não deixava reconhecê-lo
 havia ainda seus tentáculos e que não deixavam conhecê-lo
 era um como que parecido com um esquecimento: um pouco
 vampiro mesmo era seu nome e a água oxidava-se
 mais que perfeito ondulante da tubulação da água
 vértebras não tinham mesmo distante o olhar
 acessos de noite embora monstro não tenha compaixão
 sugava até o último sorvo com mentiras de monstros
 era igual à sua espécie que dá sono com roncoss
 sem sonhar a procura da gelatina requeria encargoss
 papéis em advogados competentes e resultantes
 e a morte bradava que não houvesse pôr de sol
 seguro seria escondido com ela não mexendo um dedo
 [melhor tentáculo] de fibra ou algo mais enxertado
 mesmo assim a repartição pública não publicava seus pareceres
 até surgir vestígios na sala do chefe de baba branca
 "culpa da faxineira tresloucada e de seu genro amante"
 um tal careca que sabia mexer no computador caco
 mesmo assim a reputação do velho tinha seu verdugo
 subsecretário de coisas inúteis e impetuosas
 amparado que estava fito na baba fria do monstro
 [os dois foram despedidos por justa causa]
 apossado um monte de esterco na mesa do
 chefe o monstro sorriu baboso
 até aprender que ganhar um prêmio que pela paciência era fácil
 logo que escondido e invisível com seus tentáculos em rede
 os pôs para se infiltrar nas duas senhas dos seus seis olhos competentes

(...)

AOS IRMÃOS CAMPOS

elísios desfraldados em cigurneyreaveis
os aliens enterrados são
memoriais concretos
de um novo nome
: na pedra branca de um novovelho
esgrimista blandando oligarterquias

terra onde o café com leite foi lógica
por 30 ou 50 anos no século XX
e andar em são paulo caetanamente
uma esquina

VESTÍGIOS

no intuito de
ser mais
deixei para
trás
todo o mundo
pisei em
cabeças colossais
em jovens vestidos
de linho
em mulheres tangenciais
em velhos recém - saídos
de um ninho

pisei nas ofertas
dos pobres sequenciais
nos sem - terra nem ternura
sou o matador das coisas do futuro e no meio
do escuro quis ser mais que tudo

foi o erro de minha estação de mágoas
perdi o amor que me consolava
e tudo enfim que era caro e sem mentiras

boquiaberto resgatei no inferno as nuvens
de que deixei

e foi no céu que um anjo me contemplou aberto
e me entreguei

fui assim cada qual em cada sino
até encontrar você
para acostumar- me a ler
e escrever
de outra forma
outra canção
caí por terra e me
somei

CORPO

a comida
por se fazer
o grão
a fome
a saudade
de tudo de onde
estive vivo
não afortunado
ou super
man vivo
entre os mortos

(sabe?)

onde
a memória resguarda
o nome
da minha casa
:paredes brancas
nunca se acabam
ou se calam
ou se
retas e curvas
desatam
à distância

todos têm o seu
preço
e
obedecem minha
sensata estadia
neste meu incêndio
frio e espesso
silencioso corpo
e baque
sinceramente
reteso

SAMURAI-ME

sangue nas veias
de um feudo
o
dos tempos
que me
corrói
meu látigo
infiltrando-se cedo
no meu sossego
se colheres
há a sopa
ISEJIMA
se plantares mulheres
há as gueixas
ISEJIMA
se contudo plantares a esmo
colherás teu verdugo
ISEJIMA
ó preso
entre os dentes
pares
ISEJIMA
—eu—
metade
do
:mesmo:
ISEJIMA

paTER

et fili

à sala

meu pai
não havia
ainda se
vestido
de sábado

submisso
ao passado
abrindo

certezas

seu
quarto
está quase
obtuso de
promessas

está quieto

todo o globo
ocular
digerindo

na noite
que dizem
serem estas

certezas

ou eu

precisamente

eu

incompleto

à sala

o pai se arma
depois há calma

amanhã domingo

depois abrigo

algo finito
só amanhã

hoje sala
é hoje
sala

e desnudado

até ser outro
outro

de novo
outra vez

outro
talvez
verificável

à sala

meu pai
em jornada

de papel
de lastro

bagagens de
estrela
escorpião
armado
de
senões

os dentes
em si marcam

o compasso lento
escasso
de si mesmo

ou o
contrário

:paciente

à sala
meu pai

com os signos
com seus dígitos

estáticos
mundos

das mãos
miraculosas
de minha mãe

neste dia
fizeram ser
sábado

ainda

o
dia
que respira
e me
transpira

em egípcio
ou em
sarcófago

à sala

à urgência
de se
ler
uma ciência

no livro
nunca
lido
de cabral

ao
filho
ao
neto

meu pai
nunca lido

é minha
surpresa

à sala

de

estar

a pé

sentado

leitor

lê ele

os humanos

tratados

invertebrados

e

suas

lacunas

à sala

de entradas

saídas

sala

palavras

de

palavras

fetos

e

fatos

uma rua

é

uma rua

todos

luzem

de

frisos

abertos

à folha
em branco

fito
seu
mito

e
flutua
amarelo

à sala

cumpre-se

olvidar

esta

ata

esta

lúcida

de se

tratar

lar

o pai

mais perto

instila

ao longe

um cão

um cão

problema

em se gritar

à sala

a sombra

sua trêmula
senha

sua mão
contorna
outra
verdade
rente

ou
convida-a
à ser
serpente

das trevas

em
outra

luz

à sala

meu pai
lembra

a idéia

certeza
em tê-la

material
de grávido
permeia

a arte
de tela

e sê-la
idéia

à sala

o amor
está

quicá

longe

com o ódio
em trevas

com desamor
de estar
cinza

(lá
fora é
outro
o cinza)

e outro

é trevas

à sala

de se
sentar

ou não

macios
móveis

em oxidação

corpos
quentes

vazios entes

café
óculos

náufragos
presentes

ou
em
liquidação

à sala

meu pai
apreende
sem me
ensinar

o centro
do mundo

à sala
meu pai
no jornal

seu sofá

à sala
de
sempre

simples
de estar

CÃES EM PÍRICOS

CÃO

cão de linguagem
senta-se ao lume
do que é ser verde
ou luzir escarlate

late sua vida late
numa tarde aparente
sombreia-se ao menos
em notar sua face

abre os céus em lascas
onde sei ter cede
ondas fluídas tão claras

ao redor dos pêlos
o sentido em vermelho
em sombras seu destaque

MEIO NÍQUEL

OU O

DESÍNFIMO

Do s i M...

MUL

HER

está à
frente

em
ametista
vinculada

inquieta
força
de um
átomo
corpóreo

incômodo
assobradado

porta as
mãos
certas
e tíbias

no ar liso
cobre os
olhos

a água
ao sol
aponta
dormente
a pergunta

que se indaga
de seus
dedos
longos
esmaltados

dorme
a resposta
na pergunta
hora
cai
desarmada
agora

esfolada

ao
ensinar
insinuando
sua face
brilhante

devorado pelo
fogo

ouro
outro
resquício
de um pingente

enrolado
numa franja
ausente
de pátrias

eu
pulsando
nesta redoma
transparente
sou
nervos

ela
ombros
e compasso

porém
sinto
seu afago
na pluma
desenhada

voz de água

em
torrentes

meu sintoma
mente

a pergunta
não

porém
pólen de
diversos
saltos

alto de resposta
em flores ao
sol

floresta
solta

como um
pássaro
solitário
salto
de abismo
em
abismo

sei

suporto
de
contínuo

em nomear
o que é
meu

deveria ser

é
nosso

o sangue
partido
em inspirados
narcisos
plurais
em cacos

é este clarão
na noite
adentro

em seu
palco
singular

ela
atendo-
a

e me
entendo

esquecido
assunto
como se sorri
ou como
fosse algo
mudo

sem poder
fugir
fujo

ela
sorri

eu
durmo

como eu
náufrago

numa ilha

num sinal
de fogo
em sua
voz de
giz

como em
seu outro
plano

num sinal
de
aviso
saltando
o
precipício

anuncia

em minha redoma
o vidro
partindo-
se em
cacos

mil

um níquel

sem valor
liberto

em que
ela me compra

à porta
de um circo

um simples

aviso

concreto

:aviso

homem:

a hora

do si

milar

vis à

vis

modular

vende – se

em céu

aberto

PÁSSARO DE OLHOS
VAZADOS DE LUIZ

por saber demais
portar as dúvidas
e anunciar fronteiras

por situar as nuvens
e saber chover primeiro
no estado de compreender

essências por vagar
a presença única
ao luar de um dia

por esta certeza
por tamanha obra
as incertezas desatam

no que vos falo
onipresença ouça alto
no meu mar de paciências

de situar minha cegueira
por ter que habitar
o planeta nesta plaga

é sempre o ódio

da inveja coxos só
meus sóis minhas antenas

furaram meus dois olhos
para voar algemas
minha voz só de pássaro

minha voz só de pássaro
meu território livre
anunciando que confirmei

pássaro que eu temo
ser fim de toda arte
ao deixar este sabor

por tempos me canto
o som desta essência
da minha voz dolorosa

de se ouvir rosa
de ser diferente
no andar desta sala

minha voz é arte
e arde atroz diante
de alguém que consulta

este mar de chicotes
ira de anunciar aos outros
a desordem e a procura

onde se têm vontades
dos meus olhos vazios
vejo o futuro destes

neste meu papel de ser
invisível marcado
dentre marcados este

de ser a arte tépida
do estado mais coerente
(sinto abrir a janela)

as cores são insolentes
minha cor é como a erva
e todos os dias antes

hora tudo espera
minha hora de areia
as pedras dão seus nomes

o tipo quieto detenho
saber cantar canto
maravilhoso minto

maravilhado morto
a cor do interesse
de me despir do erro

meu alimento honesto
é trabalho é trabalho
de minha voz extrema

cantar só como pássaro
envio ao céu silêncio
o repassar de um carro

meu rosto danifico
e exponho o princípio
de ser animal de canto

ou seja por completo
desanimar meu voo nítido
especial em ser enfático

minha cegueira intervém
na gaiola meu espaço
o contorno de não ser

ainda a voz mínima
de situar minha música
que canta sem me ver

OLHOS OU A FILOSOFIA

na cabeça entre as mãos flutuavam olhos
mostradores de pressão suportavam olhos
a putrefação pariu numa rua de ameixeiras
de verde só tinham a mão caolha e detida

no outro lado doze moças colhiam panos longos
queriam exterminar a relva no fungo e a rede
que permitia narizes fortes soarem fumo

(e lá no meio do mar uma esponja confabula
o fim da raça e a calíça dos homens misturados
ainda irradiam conclusões de formas abismais)

(os animais se encostam na rede de varandas
onde um ocidente dá espasmos a um oriente
e nasce entre uma cova o repensar de eros)

os tais sabiam navegar em mar no que
retiravam –se do meio das trevas
e os cágados dançavam numa noite enjaulada

os escravos lançavam as sementes das eras
e um forte jovem encantava-se em dormir
justo na hora de partir no velocino
o que foi veloz acabou na sombra caetana

e um mago era tudo o mais do que tudo
de ouvir passar o óculos diurno na estante
onde de vagar se construía paredes

outro dia sentado no mundo estava
navegando no estreito mar de suas pernas
minha língua de sal atacando os peixes

o sono dormiu entrando em desespero
rútilo sono da morte e do travesseiro
ou ainda mais o cágado não fez ao nome
e ao cagar amou com rosas o que seu cu deixou

súbito me valeram trinta e três esperanças
e uma insônia que me valeu umas britadas
cursando cinema na faculdade livre de música

onde só os ricos são gênios se não têm valor
súbito do rádio no seu orifício dos mesmos
se elevam como o elefante que se mete em loja

no centro do fio da voz masculina inverte
o zoar de um dia inteiro pacificador
todas as formas de amor são higiênicas

menos aquelas que fazem amor como nos
eus sozinhos posso nascer redonda da rés
de uma ninhada de cães todos andores

tinha na minha noite ainda por nascer
o mínimo horizonte quebrado e inaugurado
dos seus quatro lados de uniformes vermelhos

situavam – se os discos feitos de câncer
a rima que terminava minada do fim
(mesmo eu não querendo a sorte de um fim)

desmaiei por fim no começo de verso
e por outros tantos diversos posso
possuir as gemas caras de um jovem turbante

ou um calo da calçada um elefante do fim
ainda mais esquentado de baianas municipais
vozes que percorrem o peito de concorrer

ao prêmio por levar a todos os que sabem
bem longe do que conheço e espalho
já que jesus é aquele meu hálito- atalho

meu abraço eu recorro nasceu como homem
eu refaço renovo o compasso em meteoros
em jardins que escondem um natimorto
que se situa entre o sexo e a fome

entre a herança de quem nasceu como homem
e se desperdiçou numa mão de sangue
mão aurícula que nega o que é a bomba

e se naufragar nas ondas da dúvida constante
poderia ser católico ortodoxo grego asfalto

e me consola a posta mão do que vejo e ignoro

a face dormida de uma deusa de amor comestível
eu carnívoro tenho que ser dado ao mais verde
o partido que entranha o céu e cobre as éguas

em motéis próximos a todas as estranhas terras
em aduanas em um país que lê força de terra
e enquanto isso no alto da janela me matam

um quilo de fome com a cruz no peito e forte
odor de cavalos cavalgando cágados e desodorantes
flúor de um dente que se esperava melhor

se perdendo sem se ler os avisos que nada
nada por se fazer ao derredor só se viu comedores
de batatas e o verso cento e oitenta presos

na janela como o ar é a força estranha
como um chalé à beira de um regato único
admirável minto a todos em qualquer instante

nessa chance de aparecer coberto de heras
senão sendo muro por onde todo mundo encontra
a foz da vida calcada no moinho

como um sorriso do músculo fala e também aprende
a manejar o sorriso quase um forte e seguro ente
que naufraga ao se parir na vida a regra

de nunca canoa sorrir sem ser demente
ou seja o vício de assistir as mensagens quentes
das negras escoriadas no puro verbo
que mente todos os verbos que mentem matam

com a razão do julgamento sumário de uma televisão
esta que de presente é uma aberração
ou seja um cogito um novo latim do meio

a mensagem fica no meio ou a mensagem é o meio
não farei mais isso neste texto que me obriga
a caminhar tenso com dó da barriga imensa

que me nasceu dum canto de água castanha
e vidas oclusas no sim do nada
poesia se é estranha é sempre rabada

onde a fome que percorre a vida das palavras
é igual estes nossos dedos amaciando o que comer
ou seja a fome é que deságua no novo de novo

a fome que dá de comer este polvo que escapa
gelatinoso de entranhas verdes e nesta
é a fome que deságua de novo a fome exata

a briga infrutífera de um homem no polvo
palerma é a voz que teima no mecânico
retomar o mundo percorrido com puro azeite
com o antes esperado fim do dia e da chuva

que menti com aquelas doze raparigas no espelho

contente por ter sempre a nua cor dos pêlos
dos fundos dos dedos fórceps ecologicamente nus

dos coitos dos cervos e dos servos de gleba
as doze meninas evocam as eras e as sedes
e eu seco transmito amores nas batalhas

mas no meu cerne a visão continua na imagem
que faço nestas letras concorrentes à vida
ao orgasmo à fome à morte à compaixão à

sorte imensa de não saber ainda o que seja
a vida nesta noite já brilhando por último
anuncio com a aparelhagem desligada eu que falo
ou denuncio a extrema repercussão de escrever

a loucura dos que sorriem sem sentir palavras
polvo espelho água desespero lepra sons fome
de um homenzinho verde não dessa terra

mas de alguma que entendeu a chama viva na parede
e se despiu do manto calado dos errados
e veio acorrentar-me como a alguém com o fígado
trespassado por uma novela inútil mas influente

como um polvo sem mais qualquer trocadilho
ou ílio sem homero- cem homens acesos na casta
de uma sombra de dente e argêntea cidade

desesperado sem causa cem calças ao vento
que me permitia enrolar os dentro e foras

de um mago gordo que se serviu do enriquecimento

para vazar ferimentos cortantes e centrípetos

no último dia da janela de trás dos montes

para desnascer um móvel novo: como flutuante

árvores de esforços fulgurantes e de ontem

OUTONO

atado a uma cama bielo-russa
e usando palavras pandórmicas
soletrou um arvoredor rapsódico
de quatro questões mais que chulas

perigando de informar um altar
subiu as escadas de nuvens rápidas
mesmo tirando de si uma perna
cravejada de silêncios opacos

contudo admito um erro atroz
e dois acóvitos conforme os quartos
de uma dança contando os espaços
de cores sinuosas de um reluz

apraz sim o verbo da viúva mole
e um belo achado que a estiole
atrás de um pássaro novo cansado
destriunfante dos arrozes assados

mas a furtinga do nhaco absorto
copulou sem mais nenhum canhoto
o estado sério de uma urtiga
até encerrarem-se no entremeado

exato a bielo-rússia anhumã
que sorriu da penumbra infocal
de nenhuma, algum vento no litoral
na redoma do vidro suave a ternura

o escopo pálido do fantasma augusto
sem as asas mas palitando os dentes
encontrando na arte o conforto
das militares antes do absorto e tementes

incrustada em pérolas de quiosques
dois bolos avisaram o mar quadrado
de sinuosos campos de campos e espaços
e um buarque em cantochões estoutos

na redoma dos seres sem significados
dez desses eram mais que sombras
umailharga de homens manados
pensando tudo isso durante o céu

PRÓLOGOS

prologogo agora a sérvia
dos penachos em alvos rápidos
contudo pertenço ao braço
dos corpos envoltos em solos árticos
empobrecido conhecimento que
leva à cástula de seios fartos
preambulando os seios longos
no tempo exato do exagero
enxergo o forno minuano
dos correios de um dezembro
assim percorro comendo sozinho
o campo dos seres intentos
cozidos e lentos do caminho
no minho ou própolis resfrio
de cornos amplos e oblongos
há tanto tempo confiado
no mais puro respiro
dos seres assim ornamentados
com tudo ou nada ou brilho
achado poesias de astrônomos

A oVELHA O
LOBO o SANTO
E EU

A OVELHA O
LOBO O SANTO
E EU

I
a ovelha
pastando na paz
sua paz
certeira
paz de campo
de grama
de terra

o lobo
se satisfaz
em ser o roubo
em ter certeza
de ser seu dono
em ser a espera

a ovelha
ilha
branca colchão
de nuvem
no chão
do abandono

a
mente
de ser
caninos
aos dentes
antônimos

o lobo
não ausente
faz silente
sua guerra

seus planos
estratégias:
combater o sono
vigílias e mais
vigílias
olhos de madrugada
rebites
café
pílulas

herbívoros
dormem
seu sono

o campo
a uns é plano
a outros
sonho

as garras
têm suas vestes
seus tonos
e músculos

II

no campo verde
ao longe a terra
ou algum santo
calcado a pé
outro
que não denota
tamanho fé
não espera

nos lobos vorazes
da fome de lobo
sua imagem

diferente da ovelha
o lobo
do santo

diferenças de ser
poema
sem título
epigramado
onde encontro
os vários outros
comigo

eu e a letra

depois de um dia
veio
dia
este que se entendia

o campo louro
não mais verde
a ovelha negra
o lobo tolo
sobre o santo
e seu consolo
de tentações

mas tudo
isso desmente
a ficção
em questão

e o foro
que defendo
ou não

III

a mão no fogo
estranho
não entendo

anos de árvores
que nasceram
nunca

poderia
compartilhar
os anseios
do santo
do lobo
da ovelha
e eu

poderia treinar
mouro
o lobo
tísico
a ovelha
inumerável
o povo

o santo

seria poema?

acrescido tanto
que respiro
o fato que
compromete
e o céu estabilizo

a ovelha

no seu canto
o lobo à espreita
o santo que se santifica
e eu e meu roteiro

eu
por fim
chegado
nesta terra
trago a palavra
código e cena

são tantos os lobos
ainda mais as ovelhas
os santos são poucos
menos ainda os poemas

visão esta
que faz certeza
que despe ou veste
que soma e acena
que briga e conclui
que morre em nós

palavra que só ao santo
principia em epístola

a ovelha intui
o lobo joga

eu sendo meus

os pensamentos
abro a questão
esquartejada
de lamentos:

será a ovelha
ou é o lobo que veste
a lã?

será o lobo ou
a ovelha ou?

será o santo ou
o louco de espantos?
serei eu ou
alguém que me despe?

entretanto
entretanto
as vestes são as peles
e todos são tantos
em que se vestem

a ovelha
no seu dia

degusta
muda
sem vida
em absurdos

o lobo procura
a vida
a fome
em tudo

o santo
cuida
de todos
menos de
si
eu sei

a ovelha
o lobo
o santo
eu

somos muitos

8 x

**A GUERRA DE
CONSTANT**

8 VEZES A GUERRA DE CONSTANT

I

a arma vem do céu
e no chão cegado um véu
segura na amplidão de um deus cruel
a insegura mão de um irmão

cem cargas de bombas ares
e no chão um homem posto a louvar ao ar
lava o solo sem o chão que seca as lágrimas

homem choroso no ímpeto de desconhecer
o que há além e do irmão antes do amanhecer

II

corre o cavalo apurado
não mais humano mas deitado

corre como correm os coitados
os sem- cérebros os sem- cristas sem- galo
sem a cor dos olhos desbotados

sobra a sombra de um avião
errando por sobre o céu plácido e enevoadado

cumprimento do além do meu véu clássico
um ponto de fuga que já morreu

III

esterco é este homem
que margeia o centro do humano buraco negro

no que mora o medo
o que namora uma polaca logo cedo
a pena por dentro

apenas surgiu portanto
a cuspir seus dardos e entrevam seus ocos

embora corroa o cerne dentro do homem
corre a borracha dos anéis dos dedos

enfim não correr pelo medo
porque não é caminho é caminhada
é versada na língua universal
sem sal ao gosto deste cão do nada

IV

para trás ouvinte sem as rodas cadentes
sem sorte por objetivos: não fala
joga o ouvinte atento e ao seu transparente
a máquina debulhada num rio

a fuga se dá a pé
a pé
para observante comum ser causa
e não efeito
de um real passeio

foi um elefante a morte da bomba corroída
até o leão em que ocorre de novo na sombra das savanas
nos dentes de um cervo ou de um corvo

V

grito negro

cabeça de uma mulher semi- adulta

oculta e

recrutada em sua paz

na outra face

não sei quê do grito

esconde a sua voz

o desenho destruído

não foi feito por mim

mas por nós

VI

os homens não têm aonde recostar a cabeça

os cavalos dobram seus joelhos enviesados
corroendo os muitos nós de suas dores
corredores em formas muitas sobre o medo
no passado nutrido

(morrer é quase nunca ouvir o mundo
é esquecer-se de tudo e cair na paz)

ainda na morte é a insônia dos que vivem
sem solar das amarras das estacas dos planos
cobrir o solo nu dos corpos vestidos

sem sentido despido a correção das obras

farsa de um cavalo murcho caído à chaminé
foi-se a fumaça ficou a estrutura da sua estaca
no corpo nascido e feroz e nas das rodas
roda que não de horas mas de segundos
parindo que fica para trás no cu dos cavalos
e este que esquecido voltou a não sóis do mundo

VII

grande roda do gira- cassino não
nem de vargas
ao longe cobras
são o suficiente ausente clube dos sujeitos

são os claros aumentos desorganizados
e é da cobra cobrindo o seu rabo

e a forma que o cubo estável dá seu rato
mas na circunferência existe e é formatada da bomba
ainda não estourada no chão seco do chão largo

VIII

punhal alçado ao ar
envolto na dúvida de um pássaro

é o voo correto de novo-
nosso tempo templo grego de um amor gago
até ser atingido pelo gato preto

pêlo negro tinta china no quadro
obeso gato de uma garra entre dois olhos

pássaro ferido ao socorrer fêmeo
às gerações sem serem fenecidos
falecido falo sem rumo cênico
o branco halo de voar de suas asas límpidas

ÍNDICE:

duais

artefatos mágicos.	3
o trabalho.	4
música que doce.	5
formação binária.	6
dito- me.	7
Homem.	8
aguardo o nó.	9
solda seca.	10
tente.	11
depois de lutar.	12
abstratas estrelas dos mares suscitam.	13
vem até mim.	14
desusado uso.	15
I. sons.	16
II. perfume.	17
III. morri para me fazer arte.	18
IV. sensuais orvalhos.	19
V. tons de ouvir a ria.	20
(meu pé enfaixado.	21
os batráquios de circunstâncias.	22
há a branca auréola.	23
nauseante beijo de descaminho.	24
azorrague.	25

QUADROS DE UMA DEPOSIÇÃO

Quadro 1.	27
Quadro 2.	28
Quadro 3.	29
há um minuto da tarde.	30
todos teremos filhos.	31
do outro lado da rua.	32

UM PASSE

Um Passe.	34
a vida foi aplaudida.	35
I.	36
II.	37
III.	38
IV.	39

3 IDADES

1.	41
2.	42
3.	43
4.	44
5.	45

GOSMA CULT EM FILME TRASH

Tubular.	47
----------	----

(...)

AOS IRMÃOS CAMPOS.49

VESTÍGIOS.50

INCÊNDIO.51

SAMURAI-ME.52

PATER ET FILII

À SALA.54-69

CÃES EMPÍRICOS

CÃO. 70

MULHER. 72

PÁSSARO VAZADO DE LUIS. 80

OLHOS OU A FILOSOFIA. 84

PRÓLOGO.93

A OVELHA O LOBO O SANTO E EU

OVELHA O LOBO O SANTO E EU. 95

8X A GUERRA DE CONSTANT

8 VEZES A GUERRA DE CONSTANT.102

ÍNDICE. 110-112